colecta | *antes de nos sentarmos*

Abri em nós, Senhor, as portas secretas do festim, essas câmaras
de silêncio onde a fome, depois de tanto errar, desaprende o nome
da ausência. Que o Vosso convite atravesse a poeira dos nossos dias
e venha pousar sobre a mesa ainda deserta do coração,
ali onde amadurecem, sem fruto nem ramo, os desejos que não
soubemos entregar. E concedei-nos a demora dos que escutam:
o vinho a desprender-se da sua sombra, o pão a reunir as mãos
dispersas, a morte a perder, por fim, a memória dos seus véus.
Talvez então saibamos que a alegria não é uma coisa que se possui,
mas a luz que, ao chamar-nos, nos oferece um lugar.
Por Jesus, o Cristo, unidos pelo Espírito a vós,
Deus vivo que nos amais pelos séculos dos séculos. Amen.

oblatas | *à mesa*

Recebei, Senhor, este pouco de terra e trabalho, estas espécies humildes
em que o mundo se inclina sobre o Vosso mistério e a matéria aprende
a dizer abundância. Trazemos-vos também as nossas mãos, tão cheias
de coisas e tão desabitadas do dom, os restos de uma alegria que não
chegou a ser partilhada, a indigência de quem teme perder até aquilo
que nunca lhe pertenceu. Fazei do nosso pão uma passagem, do vinho
uma nascente, e de nós mesmos a veste ainda por tecer de uma
hospitalidade sem reservas. Que ninguém, à soleira da Vossa mesa,
tenha de esconder a nudez da sua fome.
Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.

final | *já de pé, antes de sairmos*

Nós Vos damos graças, Senhor, por esta mesa onde a escassez não é desmentida, mas atravessada pela abundância do Vosso amor, e onde o pão, ao partir-se, restitui ao mundo a sua antiga inteireza. Guardai em nós o rumor deste festim, essa respiração que persiste quando as vozes se calam e os últimos vestígios do vinho escurecem no fundo das taças. Não permitais que, regressados às nossas casas, voltemos a vestir a solidão como quem fecha uma porta sobre a luz. Ensinai-nos antes a desatar os nós do coração, a reconhecer no rosto alheio o lugar que nos foi confiado e a permanecer, sem alarde, junto daqueles cuja fome ninguém vê. Pois talvez a veste nupcial seja apenas isto, Senhor:
o tecido invisível dos gestos com que cobrimos a vulnerabilidade do irmão e, no corpo frágil do mundo, damos passagem à Vossa alegria.
Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.

Domingo XXVIII do Tempo Comum (Ano A), Paulo Ramos